

CENTRO REICHIANO DE PSICOLOGIA CORPORAL

ELOÁ ANDREASSA

CASAMENTO E A ESCOLHA DO PARCEIRO -
ANÁLISE CARACTEREOLÓGICA E SISTÊMICA



CURITIBA
2010

ELOÁ ANDREASSA



CASAMENTO E A ESCOLHA DO PARCEIRO -
ANÁLISE CARACTEREOLÓGICA E SISTÊMICA

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção de título no Programa de Especialização em Psicologia Corporal do Centro Reichiano de Psicoterapia Corporal.

Orientador: Prof. Dr. José Henrique Volpi

CURITIBA

2010

Andreassa, Eloá
Casamento e a Escolha do Parceiro – Análise
Caractereológica e Sistêmica / Eloá Andreassa –
Curitiba, 2010.

Orientador: Prof. Dr. José Henrique Volpi

Monografia do Curso de Especialização em
Psicologia Corporal, Centro Reichiano de
Psicoterapia Corporal.

1. Casais. 2. Psicologia. 3. Psicologia Corporal. 4.
Terapia Familiar Sistêmica.



ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CORPORAL DECLARAÇÃO DE CONFEÇÃO DA MONOGRAFIA

Eu, **ELOÁ ANDREASSA**, aluna do Curso de Especialização em Psicologia Corporal, ministrado pelo Centro Reichiano de Psicoterapia Corporal Ltda., localizado na cidade de Curitiba/PR, Brasil, assumo total responsabilidade pela confecção desse trabalho monográfico para a conclusão do curso, considerando que:

- Durante o curso, recebi todas as informações sobre a obrigatoriedade da confecção da monografia por mim mesmo, e jamais por outra pessoa, estando sujeito a perder o meu certificado a qualquer momento, independentemente do prazo, caso haja a comprovação de denúncia a esse respeito.
- Estou ciente de que citei todos os autores, com os devidos créditos exigidos pelas normas da ABNT, sem ter copiado qualquer trecho de livros, Internet, revistas, etc., que se possa considerar plágio, arcando com toda e qualquer responsabilidade legal por essa questão, caso haja algum tipo de denúncia. Quando copiado algum trecho, este está devidamente mencionado com o crédito do autor (sobrenome do autor, ano da obra e páginas) e a obra indicada nas referências desse trabalho.
- Autorizo a publicação da monografia no site do Centro Reichiano, quando essa indicação for feita pelo(a) orientador(a).

Estando ciente do exposto acima, assino esse documento, o qual deverá ser incluído na primeira página da Monografia, tornando pública a presente declaração a quem se interessar.

Curitiba, 08 de Fevereiro de 2010.

Eloá Andreassa

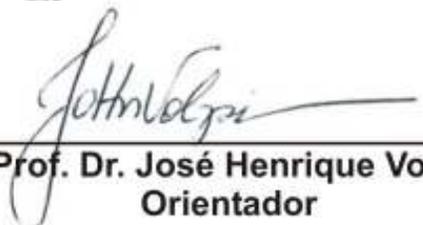
TERMO DE APROVAÇÃO

**ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CORPORAL**
TERMO DE APROVAÇÃO DA MONOGRAFIA

Eu, **Prof. Dr. JOSÉ HENRIQUE VOLPI**, no uso de minhas atribuições legais no **Curso de Especialização em Psicologia Corporal**, ministrado pelo Centro Reichiano, na cidade de Curitiba/PR, Brasil, considero **APROVADO**, o trabalho monográfico de conclusão de curso do aluno **ELOÁ ANDREASSA**, com conceito **A**.



Curitiba, 08 de Fevereiro de 2010


Prof. Dr. José Henrique Volpi
Orientador**CENTRO REICHIANO**

Av. Prof. Omar Sabbag, 628 – Jardim Botânico – Curitiba/PR - Brasil - CEP: 80210-000
Fone/Fax (41) 3263-4895 / Site: www.centroreichiano.com.br / E-mail: centroreichiano@centroreichiano.com.br



A Hugo César,
Por ser meu parceiro amoroso em tantas descobertas,
Nesta aventura que é amar,
Por me acompanhar no amadurecimento do meu caráter,
Com firmeza e disponibilidade.
Por me ajudar a refletir,
Por vezes me provocar,
Pela expressão de seu amor,
Por ser companheiro, amigo, amante
em todos os momentos.
A você eu ofereço meu amor, ainda que imperfeito,
Mas perfeito na medida de lealdade, compromisso, intimidade, sinceridade.

Agradeço aos meus pais Maria Cecília e Ahyrdo por me darem a oportunidade de vir a este mundo e pelos valores que me transmitiram que me fizeram transformar muitos aspectos da nossa história familiar.

Agradeço a minha irmã Euti pelas experiências compartilhadas e por ter trazido a este mundo Carolina, esta graciosa e amorosa adolescente que é a continuadora desta história.

Agradeço aos filhos de Hugo, Tatian, Eduardo, Rafael e Xavier, pela convivência e aprendizados.

A Cleide Negri dos Santos, que me conduziu terapeuticamente ao reencontro com meu corpo.

Aos professores José Henrique Volpi e Sandra Volpi, pelo muito que me ensinaram e pelo estímulo em escrever e apresentar este trabalho no congresso. Obrigada pela confiança.





“Um encontro de dois: olhos nos olhos, face a face.

E quando estiveres perto, arrancar-te-ei os olhos

E coloca-los-ei no lugar dos meus;

E arrancarei meus olhos

Para colocá-los no lugar dos teus;

Então ver-te-ei com os teus olhos

E tu ver-me-ás com os meus “.

Jacob Levy Moreno

RESUMO

O relacionamento de casal proporciona as experiências mais belas, mas também as mais desafiadoras dentro dos relacionamentos humanos. Lidar com as carências mais profundas um do outro enquanto, ao mesmo tempo, se aprende a conhecer melhor a si mesmo, faz do relacionamento de casal uma aventura compartilhada e intensa na busca de amadurecimento pessoal e criação de uma relação duradoura e feliz. Compreender o que cada um busca no parceiro, as expectativas, as decepções, as carências é muito mais do que buscar o amor. Este, o amor, muitas vezes vem disfarçado, esmagado, escondido, procurando aflorar entre as tramas emocionais criadas pela falta de amadurecimento e pelas defesas construídas para sobreviver. O destino do amor tem caminhos tortuosos e que ao mesmo tempo são irresistíveis, provindo de uma força que atrai uma pessoa para outra sem explicação aparente. Mas amar é muito mais que fugir das neuroses e talvez o maior anseio humano. Compreender o que liga as pessoas, se o amor ou a neurose é a proposta deste trabalho, analisando as estruturas de caráter dentro da ótica da Psicologia Corporal, e observando quanto estas relações são sistêmicas, através dos efeitos da imaturidade no encontro amoroso, que justamente torna as relações tão (im)perfeitas.

Palavras-chave: Análise do Caráter. Casamento. Visão Sistêmica.



SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO	14
2.1 DESENVOLVIMENTO PSICO-AFETIVO	15
2.2 ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO PSICO-AFETIVO	18
2.3 ESTRUTURAS DE CARÁTER	19
2.4 TRAÇOS CARACTERIAIS	20
3 O ENCONTRO DO CASAL	25
4 A EVOLUÇÃO DO CASAMENTO	29
4.1A INTERAÇÃO SISTÊMICA NO CASAL	30
4.2 O CASAL FUNCIONAL E O DISFUNCIONAL	34
4.3 AS COMPLEMENTAÇÕES	35
4.4 A MANUTENÇÃO DA RELAÇÃO NO PADRÃO NEURÓTICO	35
5 OS PADRÕES DISFUNCIONAIS	37
5.1 OS RELACIONAMENTOS DENTRO DA CARACTEREOLOGIA	39
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	48



1. INTRODUÇÃO

A verdade é que não há verdade. Pablo Neruda

Amor e casamento nem sempre andam juntos embora exista um desejo na maioria das pessoas de encontrar uma pessoa para amar e permanecer com ela pelo resto de suas vidas. Paralelo a este desejo existe uma crença de que o casamento destrói o amor devido à rotina, decepções, conflitos. Erroneamente se supõe que o compromisso formal é uma segurança para a relação, pois nada garante a permanência do amor. O casamento como instituição originalmente não foi criada para proteger o amor e sim as propriedades, o que permanece ainda hoje garantindo a partilha dos bens que o casal adquiriu. O amor romântico é uma conquista relativamente recente na história da humanidade e percebemos que, especialmente, nas últimas décadas as mudanças sociais afetaram o relacionamento conjugal de forma definitiva, mudando as pautas de comportamento conjugal e os papéis de marido e esposa.

Com estas mudanças apareceu a confusão nas relações amorosas e os questionamentos sobre o que é normal tornaram-se comuns dentro dos consultórios de psicologia aonde as pessoas chegam angustiadas, com raiva, decepcionadas e querendo uma solução, que quase sempre é que o outro mude, pois é ele quem causa o problema. Raramente alguém chega dizendo “eu preciso mudar”. Justamente por esse tipo de pensamento, cada um pensando que o outro deve mudar é que muitos relacionamentos tornam-se problemáticos e os parceiros vivem estressados, comprometendo sua própria saúde emocional.

Pensar neste tema é instigante, pois além de viver um relacionamento com suas alegrias e seus desafios, também ouço diariamente, no consultório, as queixas e frustrações de meus clientes a respeito de seus relacionamentos amorosos. A pesquisa que apresento aqui é uma continuidade do seminário apresentado no XIII Encontro Paranaense, VIII Congresso Brasileiro e II Convenção Brasil Latino/América de Psicoterapias Corporais, realizados pelo Centro Reichiano na cidade de Curitiba, no ano de 2008.

Os conflitos individuais são dinâmicos e variam conforme a vida oferece desafios. Temos que pensar que tanto o desenvolvimento pessoal quanto o relacionamento de casal crescem e se transformam em forma de espiral e não

linearmente. Quando duas pessoas se encontram e se apaixonam pensam terem encontrado o paraíso perdido e experimentam um estado de euforia e encantamento que parece eterno. Com o tempo cada um vai se sentindo frustrado em suas expectativas e reagindo com agressão ou distanciamento para com seu parceiro. O que desconhecem é que o comportamento reativo de cada um provoca novas respostas no outro gerando um círculo vicioso que transforma o relacionamento numa escalada que pode evoluir destrutivamente se não forem incluídas novas perspectivas a partir de percepções dos processos individuais de cada parceiro. É seguro que a personalidade de cada cônjuge com sua peculiar forma de ver e atuar no mundo, com suas necessidades afetivas influencia o casamento e o outro cônjuge.

O processo de amadurecimento individual produz um adulto diferenciado dentro de sua família de origem. Murray Bowen um expoente da terapia familiar na década de 1950 desenvolveu a terapia familiar sistêmica boweniana a partir de sua experiência como psicanalista. Nichols & Schwartz (1998, p. 309) explicam que para Bowen a família permanece dentro de cada pessoa, e que “carregamos a reatividade emocional não resolvida com nossos pais, sob a forma de uma vulnerabilidade para repetir os mesmos antigos padrões em todo relacionamento novo e intenso em que entramos”. Bowen considera que quando o nível de estresse é maior do que a capacidade da pessoa aparece o sintoma e que a pessoa menos diferenciada (mais imatura) precisa de pouco estresse para apresentar sintomas.

Assim, uma pessoa relativamente imatura que pretende criar um casamento razoavelmente saudável terá um risco menor que uma pessoa igualmente imatura que está sozinha ou em um relacionamento doentio. Os sintomas se desenvolvem quando o nível de ansiedade excede a capacidade do sistema familiar de ligá-lo ou neutralizá-lo. (NICHOLS & SCHWARTZ, 1998, p 319).

As pessoas tendem a buscar na relação de casal a solução de suas inseguranças e medos ao mesmo tempo em que pretendem amar e serem amadas. No entanto, o relacionamento tende a reproduzir aspectos da história pessoal de cada parceiro, os mais delicados e marcantes, produzindo as mesmas esperanças e decepções já experimentadas, mantendo o problema sem solução. O amadurecimento pessoal, nesta ótica, contribui para o crescimento do relacionamento e, ao mesmo tempo, o que se vivencia no

relacionamento, mesmo com sofrimento, também proporciona o amadurecimento emocional de cada parceiro.

Alexander Lowen diz que o destino funciona atraindo uma pessoa para outra, num encontro onde as “personalidades se harmonizam e as estruturas de caráter se encaixam”. (1980, p. 66). Essas diferenças podem ser vividas com prazer e também com dores, num momento provocando alegria e noutra raiva e decepção.

É um desafio pensar no relacionamento de casal neste momento histórico de tantas transformações e tentar entender o que acontece nesta teia composta de tantos fios, alguns mais fortes outros tênues e outros ainda invisíveis. O foco deste trabalho é pensar nas escolhas do parceiro feitas no casamento e como seus traços de caráter se complementam ou não, abordando junto disso a questão do amadurecimento do caráter dentro da perspectiva da psicologia corporal e sua influência na relação dos casais.



2 – A FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO

“Suponho que me entender não é uma questão de inteligência e sim de sentir, de entrar em contato... Ou toca, ou não toca.” Clarice Lispector

Um casamento precisa de dois indivíduos adultos e preferencialmente maduros para se constituir. Mas, unir dois universos totalmente diferentes não é simples. As histórias, sonhos, necessidades de cada um permeiam a relação e podem ser tanto motivo de atração mútua como de discordâncias e conflitos. Por isso a descoberta de si mesmo é um fator indispensável para a formação de qualquer relação de parceria, ainda mais um casamento. E a base de aprendizado é a família que transmite elementos não só genéticos, mas valores, crenças, afetos e regras relativas aos acontecimentos vividos por várias gerações e que influenciam comportamentos atuais.

Neste contexto, as crianças aprendem desde cedo a necessidade de repetir alguns comportamentos e salientar algumas características para pertencer à família que a cuida, protege e educa, e encontram formas de se relacionar adotando posturas de defesa que servem para se preservar de dores emocionais como abandono, rejeição, agressividade, etc.

Assim, a criança constrói um “personagem” que inicialmente é uma proteção e uma forma de pertencer ao clã familiar e que depois de cristalizado se mantém como uma máscara congelada, um papel rígido que domina a vida da pessoa provocando inúmeros problemas e sintomas e que se modifica somente com um esforço consciente e em geral através de psicoterapia – o caráter. Isto é muito poderoso na formação da personalidade em decorrência da dependência biológica, emocional e social do ser humano.

Antes de chegarmos ao desenvolvimento psico-afetivo é importante diferenciar alguns termos que serão usados em todo este trabalho: temperamento, personalidade e caráter. José Henrique Volpi os diferencia no artigo “Particularidades sobre o temperamento, a personalidade e o caráter”. Sobre temperamento explica:

Atualmente, o que mais se aceita a respeito do temperamento é que certas características são decorrentes de processos fisiológicos do sistema linfático, bem como a ação endócrina de certos hormônios. Assim, pode-se explicar a genética e a interferência do meio sobre o temperamento de cada pessoa. Então, poderíamos definir temperamento como sendo uma disposição inata e particular de cada

pessoa, pronta a reagir aos estímulos ambientais; é a maneira interna de ser e agir de uma pessoa, geneticamente determinado; é o aspecto somático da personalidade. (VOLPI, 2004, p. 2)

Sobre personalidade, Volpi a define “como sendo o conjunto de elementos temperamentais que foram herdados durante a gestação e de elementos adquiridos do meio durante as etapas do desenvolvimento, que formam o mundo interno psíquico de uma pessoa” (2004, p. 4).

E ainda para Volpi, o caráter: “denota aqueles aspectos que foram gravados, inscritos no psiquismo e no corpo de cada indivíduo durante o seu desenvolvimento” (2004 p. 4).

Levamos em conta que no desenvolvimento de um indivíduo o temperamento, a personalidade e o caráter evoluem na relação com outros seres humanos (a família), que influencia, mas também é influenciada por este novo ser. O desenvolvimento acontece levando gradualmente o indivíduo das relações duais para o grupo, preparando e sedimentando pautas de relacionamento para o futuro.

Desenvolvimento psico-afetivo

O desenvolvimento psico-afetivo foi estudado por várias abordagens dentro da psicologia, desde a Psicanálise construída por Sigmund Freud no começo do século passado. Wilhelm Reich, médico e psicanalista, contemporâneo de Freud começou a desenvolver estudos próprios a partir de várias discordâncias com o método psicanalítico. Sua principal idéia era a de observar as reações corporais e interagir com seus pacientes, abordando na análise o que via nos gestos, no corpo e nas atitudes das pessoas que atendia. Os psicanalistas da época não aceitaram suas idéias e, Reich, então desenvolveu seu próprio método, que a princípio chamou de Análise do Caráter. Posteriormente, com a inclusão de técnicas de intervenção corporal diretamente sobre o corpo, ampliou a análise do caráter denominando-a de vegeto terapia characteroanalítica que mais tarde foi sistematizada por seus seguidores, dentre eles Federico Navarro, neuropsiquiatra italiano, que ampliou tanto a teoria quanto a técnica.

Vamos focalizar neste trabalho, os tipos de caráter que partem originalmente da Análise do Caráter de Reich e foram reestudados por Navarro

e por Alexander Lowen, médico americano que criou sua própria escola dentro da psicologia corporal, a qual denominou de Análise Bioenergética.

Estes autores estudaram o desenvolvimento humano a partir da necessidade de ajudar pessoas com problemáticas emocionais graves que nem a medicina, nem a psicanálise conseguiam resolver.

O desenvolvimento psico-afetivo envolve um processo de amadurecimento do ser humano, partindo de aspectos físicos e neuropsicofisiológicos que, concomitantemente aos cuidados, atenção e afeto que a criança recebe constroem sua personalidade. O bebê ao nascer é totalmente dependente dos pais ou cuidadores e vai incorporando através dos cuidados que recebe e da suas sensações corporais impressões sobre o mundo que o cerca.

Durante seu crescimento, o bebê passa por várias fases e vai amadurecendo. Precisa para isso de um contato afetivo atento e carinhoso com seus pais, e de ser conduzido de maneira firme, segura e amorosa para que amadureça psicologicamente. No entanto, na maior parte das famílias não é assim que acontece, pois os pais, por melhor intenção que tenham, foram educados dentro de um sistema que os puniu e privou deste contato afetivo amoroso e, não os ensinou a maneira correta de educar seus filhos. Portanto, todas as crianças precisam construir sistemas de defesas para lidar com medo, agressão, tristeza, desejos e frustrações naturais em todo ser humano.

Dentro de uma linguagem reichiana, nossa sociedade não tem, ainda, conseguido formar pessoas saudáveis, do ponto de vista do amadurecimento psicológico, necessário para termos um mundo melhor, uma proposta que Reich desejava para as chamadas crianças do futuro, que tivessem um tipo de caráter chamado por ele de genital. Ao contrário disso, a prova está em toda parte, em forma de conflitos, guerras, violência, miséria, competição, ganância, ódio, racismo, dominação, pobreza.

O ser humano constrói sua personalidade unindo de forma peculiar seus traços genéticos, denominados temperamento, e o que aprende no contato com as pessoas à sua volta, criando um caráter, que é um jeito próprio de funcionar na vida e que se manifesta através do comportamento. Foi Reich quem originalmente descobriu que componentes da personalidade se cronificam tornando-se parte do corpo – as couraças. É a partir de então que

se incluíram as couraças aliadas à análise do caráter como elementos fundamentais no tratamento das neuroses.

Por questões de sobrevivência emocional dentro deste mundo tido por neurótico, é necessário construir defesas psicológicas, pois, de acordo com Federico Navarro, o caráter “tornou-se a formação necessária para manter o equilíbrio psíquico e para defender-se das frustrações e agressões do ambiente”. (1995, p. 17). Ele também diferencia a caracterialidade de neurose, explicando que “esta última se exprime em traços caracteriais que, em certo momento, extrapolam a sua “normalidade”: desabam sob o peso da couraça, se agigantam até se manifestarem como sintoma”. (1995, p. 17). Sobre a couraça, Navarro explica ainda que todo comportamento tem relação direta com a musculatura e que o estresse e as dificuldades de expressão ficam retidos na musculatura criando uma armadura de proteção.

Navarro entendia que antes do amadurecimento ainda não temos um caráter propriamente dito, mas sim traços de caráter:

Podemos falar de caráter somente quanto àquele que é maduro, ou seja, genital. Do contrário, trata-se de caracterialidade, isto é, o conjunto de traços caracteriais que configuram a chamada normalidade do homem neurótico de hoje. (NAVARRO, 1995, p. 10).

Afirma Navarro que para se para alcançar um grau de maturidade individual é necessário:

Uma situação caracterial obviamente é necessária e deve existir; mas só quando na própria vida se consegue a capacidade de passar de situações de dependência interna e se torna capaz de depender da própria “luz interna” (...); somente então poder-se-à dizer que foi alcançado um alto grau de maturação da personalidade, do caráter, portanto, a maturação caracterial. (NAVARRO, 1995, p. 17).

Alexander Lowen, criador da Análise Bioenergética desenvolveu uma metodologia própria para trabalhar com a neurose. Diz ele que,

Não existe um problema neurótico que não se manifeste em todos os aspectos da função do indivíduo. Isto logicamente se deriva do conceito gestáltico do organismo como unidade. Devido ao fato de expressarmos nossa personalidade ou caráter em cada ação e em cada atitude, torna-se possível determinar os traços de caráter a partir de expressões tão diversas quanto caligrafia, andar, etc. (LOWEN, 1977, p. 101).

Para Lowen a criança passa por experiências que conduzem a três tipos de distúrbios neuróticos: “A privação leva à oralidade, a supressão ao masoquismo e a frustração à rigidez”. (1977, p. 147). E acredita que se a criança tem um ambiente acolhedor, seguro e amoroso para se desenvolver tornar-se-á um indivíduo saudável, espontâneo (em nossa sociedade, praticamente impossível). Na maioria das vezes isso não acontece, gerando a neurose, que é determinada por traumas infantis e bloqueia o funcionamento do indivíduo. No entanto, como o crescimento é dinâmico, tanto Navarro quanto Lowen concordam que não é possível encontrar uma estrutura de caráter totalmente pura, ou seja, existe uma estrutura principal dentro da qual a pessoa funciona, mas ela apresenta também traços de outros tipos de caráter. E que mesmo o indivíduo que atingiu a genitalidade pode ainda ter traços de caráter neurótico.

As etapas do desenvolvimento psico-afetivo:

Para chegarmos ao caráter de uma pessoa é necessário compreender as etapas normais de desenvolvimento psico-afetivo pelo qual passa e os efeitos de não amadurecer emocionalmente dentro de cada fase. Embora a Psicanálise tenha um amplo estudo nesta área, vamos nos concentrar no desenvolvimento dentro da ótica da Psicologia Corporal, abordando cada fase com os bloqueios e os respectivos traços de caráter, explicados por José Henrique Volpi e Sandra Mara Volpi no livro: Reich – da Psicanálise à Análise do Caráter (2003).

1. Etapa Ocular: ao nascer, os olhos são responsáveis pelo primeiro contato do bebê com o mundo, que lentamente ele vai abrindo até que comece de fato a ver, a fixar os olhos e depois identificar imagens.

Volpi & Volpi (2003, p. 111) explicam que “o olhar que se desenvolve de forma saudável possibilitará a visão binocular e, por conseqüência, um bom contato com o mundo, através de uma boa integração com o meio (orientação, responsividade)”.

Bloqueios neste estágio podem ser causados pela ausência ou pobreza do contato afetivo por parte de quem cuida do bebê ou ainda de causas físicas como acidentes ou aplicação de nitrato de prata nos olhos do recém nascido. O bloqueio nesta área produz uma dificuldade comportamental da pessoa em

fazer contato consigo mesma e com os outros à sua volta, tornando-a isolada e fechada em si mesma.

2. Etapa Oral: durante os primeiros meses de vida do bebê sua atenção é direcionada para a boca através da amamentação. O desmame precoce, pelo motivo que for, produz no bebê uma sensação de insatisfação e perda que é a base da depressão. Quando o desmame acontece precocemente, antes do nono mês ou bruscamente (NAVARRO, 1995) a reação é de raiva e a pessoa com esse traço torna-se raivosa. O ciúme e a possessividade estão ligados a esta fase de desenvolvimento.

3. Etapa Anal: a atenção do bebê passa para o controle dos esfíncteres, uma vez que percebe que produz algo em seu corpo que sai para fora dele e que isso provoca uma reação em seu meio ambiente. Quanto mais os pais derem importância e forcem a criança para este controle mais ela usará a defecação como forma de controlá-los. Bloqueios nesta fase produzem pessoas controladoras, teimosas, compulsivas, rigidamente organizadas, conservadoras, metódicas. Podem desenvolver masoquismo ou transtorno obsessivo-compulsivo.

4. Etapa Fálica: por volta dos 4 anos a criança volta-se para seus órgãos genitais ao mesmo tempo em que ocorre a identificação com o genitor de mesmo sexo e demonstra interesse pelo genitor de sexo oposto. Bloqueios provocados por repressão e frustração produzem traços de caráter histérico e fálico narcisista.

5. Etapa Genital: dos 12 anos em diante. Busca relacionamentos sexuais e fortalece as posturas de gênero. Quanto mais conseguir sair amadurecido das outras fases conseguirá graus maiores de saúde mental e maior prazer de viver. O caráter genital seria o único a ser denominado de caráter.

Estruturas de caráter:

O amadurecimento do ser humano depende de uma compreensão maior de si mesmo, suas necessidades, desejos, capacidades, recursos. Os relacionamentos familiares são fontes primordiais de um ambiente acolhedor e

amoroso para que uma criança possa crescer e amadurecer sem maiores traumas. Como socialmente ainda não conseguimos alcançar este objetivo as crianças desenvolvem suas estruturas de caráter como uma forma de lidar com o mundo a sua volta, defendendo-se daquilo que vivenciam como ameaças. Navarro (1995, p. 26) explica que “todo traço caracterial é, em última análise, a solução que o indivíduo encontrou para reprimir uma situação conflitante”. Portanto, o traço caracterial serve para evitar a angústia que o conflito provoca.

Mais tarde o que serviu para evitar uma situação que a criança não dava conta de enfrentar torna-se um problema porque a pessoa já não sabe o que a faz agir de determinada maneira, principalmente quando sofre por suas atitudes inexplicáveis e contraditórias. É o chamado comportamento neurótico, que comumente produz sintomas, mas que, na compreensão de Navarro (1995, p. 28) “caráter neurótico significa imaturo, não doente”.

Traços caracteriais:

Os traços caracteriais inicialmente propostos pela escola de Reich, apresentam certas alterações quando explicados por Navarro, Lowen e outros estudiosos da Psicologia Corporal.

Como Navarro sempre leva em conta o amadurecimento neuropsicofisiológico para determinar os traços de caráter, somados à função específica de cada órgão e Lowen descreve mais a psicodinâmica e características energéticas e corporais de cada caráter, este trabalho será daqui em diante mais focado em Lowen, uma vez que o relacionamento do casal pode ser mais bem entendido desde esta ótica.

Assim, Alexander Lowen estabelece os traços de caráter, a saber:

1. Esquizóide

A dificuldade de contato é o ponto crucial deste tipo de caráter que, também se caracteriza pela racionalidade excessiva e sentimento de superioridade. Em geral acredita-se uma pessoa especial, dotada de algum poder ou de ser um filho adotivo, herdeiro de alguém muito importante.

Lowen descreve este tipo como alto e magro cabeça e pescoço com forte tensão, olhos ausentes, dá impressão que seu rosto é uma máscara, boca fria, tórax afundado, bloqueio diafragmático, respiração restrita, pelve imóvel. Seus movimentos são mecânicos e “mantém a unidade mente-corpo por um

fiu”. (1977, p. 324). Evita relacionamentos, pois tem intensa dificuldade com a intimidade. A relação sexual serve para manter contato.

Na personalidade apresenta uma tendência à dissociação podendo ir de um extremo a outro, por exemplo, “a atitude da virgem ao lado do comportamento de uma prostituta” (LOWEN, 1975, p. 134).

2. Oral

Para Lowen (1977, p 157) “seria justificável o diagnóstico de presença de oralidade a partir da história de repetidas depressões” e como característica descreve:

Profundos sentimentos de solidão, desapontamento, desamparo e, por outro lado, há o narcisismo, a óbvia necessidade de atenção e elogios (busca de “alimentação narcisista”) e o desejo de ser alimentado. (LOWEN, 1977, p. 157).

No relacionamento amoroso mostra-se dependente, espera receber amor, exige muito, mas dá pouco. Quando não é atendido torna-se ressentido e hostil. É bastante expressivo verbalmente e quer ser o centro das atenções. Apresenta falta de energia e pouca disposição para ir busca do que quer, pelo contrário, espera que alguém faça por ele. Em sua dependência acaba “sugando” o outro. Sofre com medo de rejeição e quando ela acontece cai em depressão e sua auto-estima diminui.

Segundo Lowen (1977, p. 168) o caráter oral oscila entre elação e depressão e tem uma imagem que é como “um balão cheio de gás. Sobe facilmente, mas pode também facilmente ser estourado, ao que se seguirá a depressão”.

Este caráter é capaz de se relacionar e ter certa intimidade, porém condicionada a receber apoio e cuidados.

3. Masoquista

O caráter masoquista é identificado pela capacidade de agüentar o sofrimento, mas queixar-se permanentemente, ao mesmo tempo em que se menospreza. Ele tortura os que estão próximos, pois apesar de ter muitos problemas não busca soluções e só se lamuria. Aparentemente é submisso, mas interiormente é obstinado, hostil e sente-se superior. Devido a ter muita

energia que permanece contida apresenta tensões musculares crônicas que não podem sair. Essa energia comprimida no corpo provoca ansiedade.

Reich, *apud* Lowen, (1949, p. 225 e 226) explica que:

A tortura masoquista, a queixa masoquista, a provocação e o sofrimento, todos se explicam com base na frustração fantasiada ou real de uma exigência de amor, excessiva e que não pode ser gratificada (LOWEN, 1949, p. 225-226).

As pessoas com este caráter são capazes de manter relacionamentos e intimidade baseados na sua submissão.

4. Psicopata

A pessoa com este tipo de caráter nega seus sentimentos e seu corpo, principalmente sua sexualidade. Busca poder e domínio sobre os demais, manipulando, mentindo e em graus variados pode se tornar um criminoso. Não consegue se colocar no lugar das pessoas e não apresenta sentimento de culpa por seus atos.

Lowen (1983, p. 30), diz que “as personalidades psicopáticas se consideram superiores às outras pessoas e mostram um grau de arrogância que beira o desprezo pela humanidade comum”.

Pessoas com esta característica têm que vencer sempre, por isso são agressivos nas disputas. Podem ser empresários, executivos, políticos ou profissionais liberais que para ganhar da concorrência usam de todos os artifícios, desde manipulação até atitudes antiéticas e fraudulentas. Procura sempre controlar e estar em posição superior aos outros, tudo para não ser usado nem se sentir vítima. Usa a sexualidade como arma de poder e seduz para dominar, o prazer é secundário.

Lowen (1983) divide-os em dois tipos: o tirânico e o sedutor, que apresentam perfis ligeiramente distintos.

Um modo é oprimindo e atormentando os outros; neste caso, se a pessoa oprimida não se opuser ao tirano, torna-se sua vítima, em certo sentido. O segundo modo é debilitando a pessoa por meio de aproximações sedutoras que são muito eficientes com pessoas ingênuas. (LOWEN, 1983, p. 139).

Nos relacionamentos íntimos só “enquanto for alguém necessário e detentor de uma posição de controle sobre os relacionamentos, pode permitir um grau limitado de intimidade”. (LOWEN, 1975, p 149).

5. Rígido

Lowen enquadrando neste tipo de caráter os traços relativos aos tipos, histérico e passivo-feminino, fálico-narcisista e obsessivo-compulsivo.

Histérico

Lowen enfatiza a ambivalência e a submissão deste tipo de caráter. A histérica seduz e quando o homem vem conquistá-la, tenta fugir e depois se submete. “É típico da estrutura de caráter histérico ceder à força, direta ou indireta, o que só aumenta a raiva latente contra o homem” (1977, p. 326).

Assinala ainda que este tipo de jogo de sedução e conquista antigamente não era concluído em sexo, mas com a liberdade sexual isso mudou e atualmente, embora aconteça o contato sexual o medo da entrega persiste, pois sexo e amor ficam separados.

Lowen enquadra no caráter histérico somente as mulheres e menciona características deste caráter como aborrecimento, insatisfação, orgulho, determinação.

Quanto à intimidade, consegue aproximar-se até certo ponto uma vez que “mantém-se alerta, apesar da aparente aproximação e compromisso com outras pessoas”. (LOWEN, 1975, p. 149).

Passivo-feminino

Para Lowen é o correlato masculino do caráter histérico. É suave, polido, educado, com características femininas, como a voz, por exemplo. Não demonstra agressividade, mas sua resistência é passiva, parecendo estar disponível.

Nas relações afetivas este caráter “consegue funcionar como um bebê de colo numa relação sexual com uma mulher mais velha, ou como a figura de pai, frente a uma moça mais jovem e dependente”. (LOWEN, 1977, p. 287).

Fálico-narcisista

Reich descreve este tipo de caráter como “autoconfiante, algumas vezes arrogante, flexível, enérgico e muitas vezes, imponente” (1979, p. 252).

Sexualmente é conquistador e vangloria-se da quantidade de relações que é capaz de ter, no entanto, não obtém prazer com elas, por isso parte em busca de novas parceiras. Por outro lado sua agressividade o leva a ter sucesso profissional e material.

Os representantes deste tipo de caráter são considerados como objetos sexuais altamente desejáveis, porque revelam todas as marcas de autêntica masculinidade na sua aparência. (REICH, 1979, p. 254)

Obsessivo-compulsivo

Lowen considera o obsessivo como uma estrutura rígida que se distingue do fálico-narcisista através do grau e do sintoma, não fazendo uma distinção separada. Considera “primeiramente o típico fálico-narcisista e, em seguida, as variações que levam à compulsão serão compreendidas mais prontamente”. (LOWEN, 1977, p. 257).

O que os diferencia é o sentimento de culpa que só obsessivo sente, como também “a obsessão resulta de uma carga contínua da região frontal, ao mesmo tempo em que a descarga está bloqueada ou limitada”. (LOWEN, 1977, p. 268).

O obsessivo “se vê preso num conflito emocional que o imobiliza e impede toda ação eficiente no sentido de transformar a situação”. (LOWEN, 1975, p. 160).

O grau de intimidade que este traço de caráter consegue é limitado, tanto no pólo fálico-narcisista como quando desenvolve alguma obsessão.

3 - O ENCONTRO DO CASAL

“O amor é, talvez, aquele processo delicado através do qual eu te acompanho ao encontro de ti mesmo”. Antoine de Saint-Exupéry

O desejo de encontrar uma pessoa para amar tem sido um sonho acalentado por tantas gerações que, embora enamoradas nem sempre pudessem ficar com a pessoa amada.

Hoje isso não acontece mais, todos têm liberdade para amar, escolher e ficar com a pessoa amada. Porém, existem também novas dificuldades a serem enfrentadas, o que causa uma frustração grande, pois antes o motivo dos relacionamentos serem infelizes era que as pessoas não podiam escolher com quem se casar. Era uma questão de sorte se apaixonar pelo cônjuge arranjado pela família. Ou então, se conformar com o destino e aceitar, com sofrimento velado, o casamento. E talvez, secretamente, sonhar com o amor impossível. O ingrediente de impossibilidade provavelmente era o combustível que alimentava as fantasias de amores ideais. Essas fantasias, no entanto, continuam a permear o universo dos apaixonados, mesmo na atualidade, criando expectativas quase impossíveis de ser atingidas nos relacionamentos normais. Como hoje são raras as situações reais de impossibilidade muitas pessoas acabam criando fantasias que inviabilizam o relacionamento, idealizando situações e características do parceiro baseadas nas suas carências emocionais. Antes era a impossibilidade externa, hoje é a impossibilidade interna.

Podemos compreender que o amor era desejado tão intensamente e fantasiado nas gerações cujos casamentos eram escolhidos por suas famílias com base em interesses materiais, de status, de tradições ou de crenças religiosas. Mas, e hoje? Por que ainda tantas pessoas reclamam de infelicidade no amor? Se todos podem escolher seus parceiros, o que está faltando então? Por que as pessoas não se comportam como é “esperado”?

Os casais mais jovens apresentam queixas muito semelhantes às de seus pais e avós, só que com o poder de decisão sobre continuar ou terminar a relação. Os ideais do casamento repousam nas ilusões de cada parceiro e também do que culturalmente se estimula esperar do casamento. Como o ideal fica muito distante da realidade as pessoas decepcionam-se tanto com o parceiro como com a relação em si.

Analisando as relações amorosas sob o prisma da psicologia corporal, pensamos em duas formas de relacionamento: uma envolvendo duas pessoas amadurecidas, genitais (incomum); outra seguindo um padrão de escolhas imaturas, geralmente dentro da caracterialidade e não da genitalidade. Como afirma Federico Navarro (1995, pág. 11,12) “O caráter genital, que é maduro, é capaz de administrar o temperamento. O temperamento tem necessidades, e a caracterialidade tem desejos”. E são precisamente os desejos que produzem a química inicial entre os casais e que depois se tornam grandes frustrações e conflitos.

É justamente este padrão de funcionamento que precisamos conhecer e amadurecer sob pena de sofrer muito e exigir das pessoas coisas que elas não podem dar. Isso é particularmente presente no casamento, o relacionamento mais íntimo que temos depois da relação pais-filho. O psiquiatra Jurg Willi explica que:

O matrimônio apresenta muitos paralelos psicológicos com a relação pais-filhos da primeira infância e se torna também muito determinado por ela. Nos primeiros meses e anos se introduz a criança nos elementos íntimos das relações humanas. A criança cresce em um círculo relativamente pequeno de pessoas que pode observar com facilidade: sua família. Ao casarem-se, os cônjuges voltam a entrar em um sistema de relações parecido. Mas agora, evidentemente, em outra posição: não como crianças, mas muitas vezes, tampouco como adultos maduros. (WILLI, 1985, p. 26)

Portanto, é necessário pensar na família que é a base da formação do caráter, onde pais imaturos criarão filhos imaturos, transmitindo aquilo que vivenciaram nas próprias famílias. Navarro explica que:

O educador é, ao mesmo tempo, o expoente da própria caracterialidade individual e da mensagem normativa sociocultural do ambiente do qual provem. É oportuno enfatizar que quando falamos de mensagem cultural falamos de valores, e os valores estão ligados à caracterialidade. (NAVARRO, 1995, p. 21)

É dentro deste ambiente familiar que cada indivíduo atinge graus variados de amadurecimento, produzindo os desejos que levará para o próprio casamento. Vamos analisar expectativas de cada tipo de caráter de acordo com suas carências e necessidades específicas que são projetadas no parceiro amoroso. De acordo com Lowen (1982, p. 149) “A estrutura de caráter define o modo pelo qual a pessoa conduz suas necessidades de amar, sua procura de intimidade e proximidade e sua busca de prazer”.

1. Esquizóide

Sua experiência básica é de rejeição de sua existência, portanto ele inconscientemente buscará no parceiro alguém que reconheça sua existência, mas que não poderá ameaçá-lo com muita proximidade.

Mesmo com estas dificuldades a pessoa exerce um fascínio que a torna atrativa para outros tipos de caráter, por exemplo, com sua independência e isolamento transmite uma aura de mistério e provoca desejo de conquista. Sua inteligência e racionalidade, apresentando sempre soluções práticas e resolvendo problemas com rapidez são qualidades muito valorizadas.

2. Oral

Sua experiência básica é de carência afetiva. Precisa que seu parceiro o cuide, proteja e apóie.

Sua facilidade de comunicação, interesse pela proximidade, a busca de contato e sua necessidade de cuidado chamam a atenção de pessoas que necessitam alguém para cuidar e se valorizam perto de alguém que não consegue se virar sozinho.

3. Masoquista

Sua experiência básica é de submissão. Tem necessidade que o parceiro o deixe livre para se auto-afirmar.

A submissão e o desejo de agradar fazem com que concorde e aceite sempre as condições do outro. Por isso é muito atraente para quem precisa dominar a relação como forma de ser importante.

4. Psicopata

Sua experiência básica é de controle. Precisa de um parceiro que o deixe dominar, controlar, decidir.

Tem como atrativos o charme, a inteligência, a capacidade de convencimento, a eloquência, a sedução. Em geral são considerados os mais atraentes à primeira vista, pois sabem o que fazer para agradar.

5. Rígidos:

5.1. Histérico

Sua experiência básica é a frustração genital. Busca no parceiro alguém que o deixe livre.

Este é um tipo de caráter altamente atraente, charmoso, sedutor.

5.2. Passivo-feminino

Sua experiência básica é de desamparo. Busca uma parceira que o cuide. É atraente para muitas mulheres, pois difere do macho agressivo sendo muito solícito, educado, sensível, agradável.

5.3. Fálico-narcisista

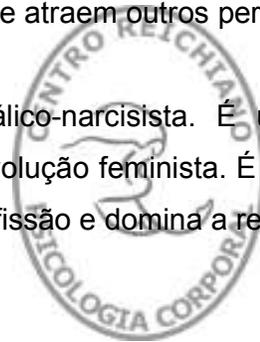
Sua experiência básica é a frustração genital. Busca no parceiro alguém que se submete, pois precisa comandar a relação.

É um tipo atraente, pois em geral é bem sucedido, charmoso, determinado.

Obsessivo-compulsivo: sua organização, lógica, método para resolver problemas são qualidades que atraem outros perfis.

5.4. Agressivo-masculina

É a versão feminina do fálico-narcisista. É um perfil de mulher que se desenvolveu mais após a revolução feminista. É determinada, agressiva, galga posições de destaque na profissão e domina a relação.



4 – A EVOLUÇÃO DO CASAMENTO

“...Que minha solidão me sirva de companhia. Que eu tenha a coragem de me enfrentar. Que eu saiba ficar com o nada e mesmo assim me sentir como se estivesse plena de tudo.” Clarice Lispector

Durante muito tempo o casamento esteve ligado a aspectos mais econômicos e sociais do que amorosos. Mas isso drasticamente nos últimos 40 anos, a partir de várias mudanças sociais e culturais como a liberação sexual, a pílula anticoncepcional, o divórcio, a ida das mulheres para o mercado de trabalho, maior liberdade de expressão. Os casais tiveram que negociar novas formas de se relacionar e encontrar um equilíbrio no estilo de viver um casamento.

Argumenta-se que, em alguns aspectos, os relacionamentos anteriores aos anos 70 pareciam mais sólidos. Embora, as pessoas ficassem juntas “até que a morte os separe”, muitas relações pareciam sólidas por falta de saída (o divórcio), à custa da infelicidade mútua compartilhada. A frase da personagem Maggie em Gata em teto de zinco quente de Tennessee Williams “Eu não vivo com você, nós apenas dividimos a mesma jaula”, exemplifica o que viveu esta geração. Uma vez casados não havia modo de escapar, a não ser pagando um preço altíssimo, que a maioria das pessoas não enfrentava.

Por outro lado, todas estas mudanças favoreceram relações mais reais, com maior liberdade e menor solidez, exemplificada na geração atual pela poesia de Vinicius de Moraes “Que não seja imortal, posto que é chama mas que seja infinito enquanto dure”.

Com este novo casamento, além da igualdade de direitos e deveres, maior liberdade, novas opções de viver com ou sem família, também vieram inseguranças, desconfiança, conflitos. Com o aumento no número de divórcios começaram os questionamentos sobre a estabilidade familiar do modelo anterior, e dos possíveis danos causados pelas separações. As pessoas se perguntam se não é mais possível ficar junto ou se o casamento acabou.

Parece que falamos mais de relacionamentos hoje, e é moda discutir a relação, mas isso acontece porque temos maiores possibilidades de comunicação, e maior liberdade para expressar opiniões sobre o tema. Novas relações estão em cena coexistindo com o modelo do casamento tradicional.

Um casamento moderno está em construção, desenhado a partir de um novo modelo relacional, onde, ao invés de dependência temos

interdependência, em lugar de prisão temos portas de saída. Os novos pares também mudaram, são compostos por solteiros, separados, divorciados, heterossexuais e homossexuais, pessoas que buscam uma relação afetiva, chame-se casamento ou relação estável. Com ou sem compromisso legal e/ou religioso.

Estamos frente a mudanças não só nas famílias e no casamento, mas na forma como vemos nossas relações e o mundo. E tudo é dinâmico, rápido. Porém, o amadurecimento emocional não acontece na mesma rapidez que o intelectual, nem com a velocidade das descobertas científicas e tecnológicas.

A interação sistêmica no casal

O funcionamento dos casais é um tema bastante estudado não só dentro da psicologia, mas em outras áreas das ciências humanas. A abordagem sistêmica tem contribuído de forma significativa para o entendimento e melhoria das relações familiares. e na Cibernética.

A abordagem sistêmica é um referencial teórico que surgiu na década de 50 e se apóia na Teoria Geral dos Sistemas e na Cibernética. Ela afirma que estamos todos interligados fazendo parte de um sistema. Fritjof Capra, doutor em física, explica que:

De acordo com a visão sistêmica, as propriedades essenciais de um organismo, ou sistema vivo, são propriedades do todo, que nenhuma das partes possui. Elas surgem das interações e das relações entre as partes. Essas propriedades são destruídas quando o sistema é dissecado, física ou teoricamente, em elementos isolados.
(CAPRA, 1996, p. 40).

Isto significa que seres humanos, natureza e tudo que existe estão interligados e reagindo uns aos outros, trocando informações. Estudiosos como Ludwig Von Bertalanffy, Paul Watzlawick, Gregory Bateson aprofundaram suas pesquisas e trouxeram uma nova luz para o campo das ciências, que também estão sendo empregadas nas psicoterapias de família e casais.

O desenvolvimento destes estudos foi aplicado e empregado para compreender o comportamento humano e as interações familiares. Surgiram conceitos como: interdependência, sistemas e subsistemas, retroalimentação positiva e negativa, o todo e as partes.

Um indivíduo é um sistema, mas pode ser um subsistema se dentro de outro sistema, por exemplo, o casal é um sistema e cada cônjuge é um subsistema. Pelas leis sistêmicas, cada indivíduo afeta e é afetado pelo outro, fazendo com que os comportamentos sejam influenciados pelo outro.

A participação de uma pessoa em vários sistemas diferentes, seja o sistema familiar, escolar, de trabalho, de amigos, de morador de um condomínio, etc, é muito complexa e faz com que suas atitudes sejam partes de interação e não só aspecto de sua própria personalidade.

Mas, o que o casamento tem a ver com isto? O que importa para nós nestes conceitos é entendermos que todos fazem parte de uma rede de relacionamentos e que qualquer mudança em uma parte da rede afeta todas as demais. Por exemplo: o casamento de uma filha modifica toda a dinâmica emocional e a rotina de uma família. Haverá uma ausência na casa e no seu papel em relação aos demais, a mãe não terá mais as mesmas conversas e cuidados com a filha, o pai não se verá mais pensando a que horas a filha chegou, a irmã ficará sem companhia, a própria noiva passará a morar numa casa nova na qual terá dividir os cuidados e aprender a conviver diariamente com os hábitos de seu marido.

Até mesmo nos eventos felizes como um casamento toda a rede sente o movimento e conforme a qualidade dos vínculos haverá maior ou menor tensão entre todos. No caso desta filha que casou ser a mediadora dos conflitos familiares sua saída provocará um estresse maior no sistema familiar. Uma vez que o comportamento de uma pessoa afeta as demais ligadas a ela, este casamento provoca um movimento em toda a rede, puxando o jovem casal de um lado para outro, desde as famílias de origem de cada um, até as decisões pessoais e projeto de vida em comum deste novo casal.

A controvérsia entre o modelo de casamento tradicional e novas formas de casamento que ainda não constituem um modelo está presente diariamente no cotidiano dos casais. O modelo tradicional não satisfaz mais as necessidades das pessoas, mas elas se debatem entre conceitos trazidos das famílias de origem, como “tarefas domésticas são função da mulher” “homem tem que trazer o dinheiro para casa” e a vontade de fazer um novo tipo de relação onde ambos assumam as tarefas de sustentar a casa e fazer os serviços domésticos. E que, ao mesmo tempo, contenha compromisso e cumplicidade mais que limitações. As dúvidas são grandes, pois um novo

modelo de relação está sendo criado, as regras não são claras e ainda não aparecem resultados. Os que tentam novos jeitos de se relacionar aprendem com a própria experiência e não ousam convencer outros de que da sua forma dá mais certo. É natural que o terreno dos relacionamentos esteja muito instável. As certezas de antes, mesmo que desconfortáveis, tornaram-se dúvidas.

Anteriormente percebiam-se nas famílias mulheres insatisfeitas com o casamento, mas prisioneiras do papel social de esposas e mães, compromissos que não podiam quebrar. As que ousaram escapar pagaram um alto preço por isso. Comparando as que ficaram e as que saíram têm-se dúvidas de quem pagou o preço maior: lutar contra preconceitos ou ver sua vida definhando num casamento infeliz.

Os homens também se viram aprisionados no papel de maridos, pais e provedores da família, com os quais não podiam romper porque eram responsáveis pela mulher e pelos filhos. Terminavam também condenados a uma vida infeliz quando se descobriam descontentes com o relacionamento. Aqueles que ousaram sair também pagaram o preço da culpa e das pesadas críticas de abandono à família.

Os novos casais – que são os filhos daqueles que viveram a libertação sexual - assumem um compromisso mais leve, pois têm o divórcio como uma porta de saída aceitável socialmente, porém ainda se vêem às voltas com ingredientes transmitidos por seus pais, tentando encaixar a realidade atual e transformar regras ultrapassadas. Aqueles que adotam um modelo que não acreditam acabam fracassando e desistem da relação. O divórcio, desta forma, pode ser precoce num relacionamento que ainda não se estabilizou.

Para os solteiros também não está fácil, pois como o sexo agora faz parte de todas as relações, tanto podem namorar como manter encontros só para sexo. Encontros que podem ou não evoluir para uma relação, pois fica cômodo ter só a parte divertida do romance e na hora de ter que lidar com qualquer dificuldade cada um vai para sua casa. Quando um deles se envolve e quer assumir a relação começa o descompasso, tira o outro da inércia e pressiona-o. Para o outro está tudo bem, porque teria que ritualizar um compromisso se já estão juntos?

Muitas mulheres independentes sentem que chegaram ao topo de uma montanha solitária, como se “bem... não sou dependente como minha mãe,

não preciso de homem para me sustentar, quero dividir a vida com alguém por amor. Mas...Onde está um homem que queira o mesmo que eu? Parece que os homens têm medo de mulheres que pagam suas contas”.

Esta transição pela qual estamos passando em todos os relacionamentos permite que os casais encontrem uma síntese própria do que significa este compromisso. Faz parte de isso conversar sobre temas como fidelidade, distribuição do dinheiro, diferenças de salário entre o casal, carreiras individuais, ter ou não ter filhos, como assumir a educação dos filhos, tarefas domésticas, relações sociais e familiares. Falar e resolver essas questões parece trabalhoso, desnecessário e pouco romântico quando a relação está no auge da paixão, mas deixar para pensar nisso após a lua de mel às vezes ameaça o relacionamento. As promessas feitas apenas para agradar o outro são quebradas com facilidade e, embora os valores tenham se modificado a dor causada por quebras unilaterais de promessas provocam mágoas e separação.

A equação para uma relação funcionar bem é encontrar a dose adequada de cada um destes elementos para cada casal:

liberdade, individualidade, autoconhecimento
+
intimidade, lealdade, compromisso

Num casal se um dos parceiros quer liberdade e o outro quer compromisso, começam os conflitos. O desafio deste casal é criar um compromisso com liberdade, onde cada um agregue conceitos e valores e sejam sócios desta criação.

Outro fator que faz a temperatura subir num relacionamento acontece quando um casal faz o pacto de fidelidade e um dos parceiros, unilateralmente, se permite quebrar o pacto e ter outras relações quando sente desejo. O rompimento do compromisso, pelo motivo que for, causa um dano quase irreversível para a confiança na relação e é necessário muito trabalho para ultrapassar este episódio.

Outros casais tentam exercitar o amor incondicional, aquele amor sem cobranças, exclusividade, exigências ou contratos formais, a chamada ‘relação aberta’, onde cada um pode se relacionar com outras pessoas afetiva e

sexualmente. Muitas pessoas que tentam este modelo terminam deprimidas e derrotadas pelo próprio sofrimento em tentar fazer de conta que não sofrem quando seu parceiro está com outra pessoa. Há os que para evitar este tipo de sofrimento tentam as fidelidades frouxas, com consentimentos velados, que permitem alguns deslizes, de ambas as partes, sempre e quando não afete a relação e não haja um envolvimento afetivo (se isso é possível). Há os que mantêm a exclusividade e trabalham os revezes de uma relação com caráter permanente, moderna e ao mesmo tempo com princípios bem delimitados que ambos trabalham por cumprir.

Existem pessoas se encontram para aprenderem juntas e para construir uma relação de amor. Existem outras pessoas que têm o mesmo propósito, mas que fazem isso através de choques, desde ideais, princípios, histórias de vida, valores, desejos e condutas absolutamente opostas e lutam entre si buscando encontrar uma solução para dramas pessoais e relacionais muito sérios, acontecidos antes de se conhecerem.

O casal funcional e o disfuncional

Vamos nos concentrar aqui no sistema casal e em como cada um responde ao outro. O grau de influência que uma pessoa pode exercer sobre outra depende de muitas variáveis como: a forma que cada pessoa foi educada, as fases de seu próprio desenvolvimento psico-afetivo em que ficaram carências, aprendizados, papéis, funções e relações de lealdade não resolvidas com membros das famílias de origem.

Então, o relacionamento pode ser funcional, no sentido de um funcionamento mais saudável, harmonioso, flexível, com trocas mais profundas e sentimentos de pertencimento, segurança, amor, lealdade, confiança, compartilhamento, resolução de conflitos.

Ou pode ser disfuncional, onde seu funcionamento é repleto de conflitos, desavenças, agressividade, cobranças, inseguranças, jogos de poder, ameaças de abandono, deslealdade, rigidez.

As complementações

Os casais normalmente se complementam em muitos aspectos, desde suas afinidades, até características de personalidade. Teremos complementações funcionais onde as diferenças são vistas como facilidades para que o casal funcione melhor, aquilo que falta em um será suprido pelo outro, não como obrigatoriedade ou exigência, mas como parceiros numa sociedade. Por exemplo: a mulher tem mais facilidade que o marido na organização do dinheiro e fazem uma parceria onde ela assume essa área para melhor funcionamento do casal. Mas este mesmo exemplo pode ser usado para exemplificar uma complementação disfuncional onde esta organização seria vista como cobrança para ele e como um peso para ela.

No aspecto emocional, muitos casais se complementam na tentativa de suprir carências de fases anteriores de suas vidas. Estas complementações criam expectativas de ajustes que o outro irá produzir. Quando isso não acontece surge a frustração, seguida de cobranças porque, em algum nível, o parceiro enviou sinais de que iria cumprir estas expectativas.

A manutenção da relação no padrão neurótico

Muitas pessoas ficam envolvidas num relacionamento disfuncional sem perceber que ficaram presas num beco sem saída. Tentam inutilmente mudar o outro, iludir-se que conseguirão o que querem, insistir nas mesmas velhas queixas que não deram resultado e se perguntar de novo, inúmeras vezes o que fazer. A perspectiva não muda. As pessoas não mudam. E o conflito se cronifica. A saúde padece. As pessoas sofrem. A rigidez se instala. O casal fica num impasse entre fazer alguma coisa ou desistir e se separar. Mas o pensamento da separação traz medo. Medo de ficar sozinho, do fracasso, do que as pessoas vão falar, de não encontrar mais ninguém, de repetir o mesmo sofrimento em outra relação.

As neuroses são padrões de funcionamento que por serem imaturos fazem do relacionamento o palco de questões não resolvidas na infância e que urgem por uma resolução. O momento do impasse no casal reflete a profunda angústia e insegurança de pessoas que não amadureceram seu caráter e apostam no outro, mesmo que de forma inconsciente, para resolver seus problemas emocionais. Ambos têm expectativas sobre a relação. Expectativas

que dependem do que ficou sem resolver na infância e de como estruturaram seu caráter. Ou seja, existem desejos contraditórios, os da caracterialidade (a solução imatura), e os da maturidade do caráter, que serão mais bem explicados no próximo capítulo.

Quando as pessoas estão envolvidas num relacionamento disfuncional perdem a perspectiva de que precisam fazer movimentos e esforços para que a relação se torne funcional=satisfatória. E não conseguem ver que necessitam sair de suas visões e dores individuais. Tudo que conseguem é esperar que o outro mude e se manter rígido no seu padrão de comportamento neurótico, agindo de acordo com seus traços de caráter, ao qual o parceiro responde com atitudes também imaturas advindas de seus traços de caráter igualmente imaturo.

A ilusão é tanto pessoal quanto social, vinda dos modelos de relacionamento prometidos nos romances e filmes, que estimulam a idealização. As pessoas que não atingiram um grau de maturidade têm mais dificuldade para identificar com clareza o que é real e possível obter nas relações afetivas e o que deve ser resolvido dentro de si mesmo.

Jurg Wili, psicanalista alemão associou a teoria da psicanálise com a teoria sistêmica para estudar o funcionamento dos casais e denominou de colusão, um tipo de relação que se estabelece no casal onde existem expectativas inconscientes baseadas nas experiências da primeira infância. Definiu colusão como “um jogo conjunto não confessado, oculto reciprocamente” (1985, pg. 67), onde os parceiros se unem para resolver os mesmos conflitos não resolvidos.

Willi especifica que ambos os cônjuges ficam fixados na mesma fase do desenvolvimento infantil e que cada um se fixa numa posição, progressiva ou regressiva, cujas demandas variam de acordo com a fase do desenvolvimento.

Neste tipo de relacionamento as pessoas sofrem, pois não reconhecem que projetam suas necessidades no parceiro e se acusam mutuamente esperando que, magicamente, o outro solucione o problema. O grau de consciência é mínimo e é muito difícil para o casal perceber o jogo em que se enredou.

5 – OS PADRÕES DISFUNCIONAIS

Busca en cada corazón humano tu próprio pasado y redímelo. Raúl J Albala

Pensando nas colusões como forma de interação do casal dentro de um padrão imaturo, vamos analisar a formação do par levando em conta a ótica das estruturas de caráter da abordagem reichiana. Consideramos que cada parceiro tem necessidades conscientes e inconscientes que permeiam o relacionamento e se misturam produzindo situações críticas. Mas no início a esperança é de que finalmente vão obter aquilo que falta em si mesmo. Enganam-se porque perseguem a ilusão contida nas imagens que projetam. E toda ilusão provoca uma decepção ao não ser cumprida.

A atração mútua está baseada nos elementos mais positivos de cada estrutura, tanto das coberturas de caráter como dos aspectos mais regredidos contidos nos traços de caráter e defesas, somados aos aspectos inconscientes das necessidades mais primitivas de cada traço de caráter. A química é poderosa, pois além de desejar o encontro amoroso esperam também compensar e preencher carências. O outro não é visto como uma pessoa em si mesma, mas como alguém capaz de encaixar perfeitamente nesta mistura poderosa de ingredientes emocionais.

Em geral o pouco conhecimento de seu próprio modo de funcionar e de que existem outras necessidades suas não preenchidas faz com que passe a enxergar no outro aquilo que é parte de si mesmo, de suas próprias questões não resolvidas. Portanto, cada parceiro enxerga, não o outro, mas apenas suas próprias ilusões, e entra em desespero por não conseguir realizá-las. De acordo com Lowen (1967):

À medida que uma ilusão ganha força, ela passa a exigir concretização, forçando desta maneira o indivíduo a entrar em conflito com a realidade, o que produz a sua conduta desesperada. A busca de realização de uma ilusão requer o sacrifício de sentimentos bons no presente, e a pessoa que vive na ilusão é, por princípio, incapaz de fazer exigências de prazer. Em seu desespero ela está disposta e ignorar o prazer e deixar a vida em estado de latência, na esperança de que sua ilusão a ser realizada a livrará do desespero. (LOWEN, 1967, p. 119).

As pessoas constroem ilusões quando são rejeitadas nas suas características próprias e precisam ser de outra maneira para agradar a seus pais. Isto representa perder a si mesmo, ter que desistir de si mesmo. Segundo

Lowen, citando em Bioenergética um parágrafo do Livro O corpo em depressão:

A pessoa que sofreu uma perda ou trauma em sua infância, suficiente para abalar seu sentimento de segurança e a de auto-aceitação, projeta para sua imagem futura o requisito existencial de que esta inverta as experiências do passado (LOWEN, 1975, p. 156).

Lowen (1975, p. 156) analisa ainda que as ilusões impedem que a pessoa viva plenamente o presente, pois está usando toda sua energia para manter “imagens, ilusões ou ego ideais que compensam os danos causados ao self (si mesmo). Quanto maior tiver sido o trauma, maior será o investimento de energia na imagem ou ilusão”.

Nestes casos quando a pessoa entra num relacionamento estável, que relembra as primeiras relações de sua vida onde aconteceram as perdas, começa a vivenciar emoções do passado e, sem perceber, carrega no parceiro muitas destas ilusões. A paixão contribui muito para que este fenômeno aconteça, pois cria um estado tão inebriante quanto irreal, que parece aos apaixonados a tão esperada felicidade.

Conforme Helen Fischer (2004) que pesquisou a duração da paixão nos casais, existe um tempo para que a realidade se imponha, pois o organismo não conseguiria sobreviver no estado de ansiedade provocado pela paixão.

Primeiro, muitos de nós morreriam de exaustão sexual se o amor romântico florescesse interminavelmente em um relacionamento. Não conseguiríamos trabalhar e nos concentrar em nada que não fosse “nele” ou “nela”. (FISCHER, 2004, p. 112).

O surgimento da realidade faz com que os parceiros comecem ver o outro lado da personalidade do ser amado e a decepção aparece desmoronando as fantasias da primeira fase.

As reações então serão de acordo com o modo típico de cada estrutura de caráter funcionar. Conforme o grau de conflito no relacionamento e a circularidade na comunicação entre os cônjuges, as etapas mais iniciais de desenvolvimento afloram e as coberturas de caráter dão lugar à oralidade ou esquizoidia.

O casal tenta manter a homeostase para não sair da ilusão que sustenta o contrato inicial, evitando se enfrentar às suas questões individuais. A tentativa de manter a homeostase provoca o aprofundamento da crise, porque

a realidade força passagem, mas ambos evitam olhar para ela porque significa a possibilidade de uma mudança profunda. É necessário enfrentar a realidade não só da relação, mas de cada um individualmente com suas dores profundas.

Vamos analisar mais detidamente o que acontece nas relações baseadas na caracterialidade e como reagem os parceiros.

Os relacionamentos dentro da caracterialidade:

Mulher com traço de caráter núcleo psicótico/esquizóide que se une a um homem traço de caráter fálico-narcisista:

Ela é a esposa perfeita para um tipo de união que na atualidade está em declínio, aquela esposa que se dedica ao marido e ao seu sucesso, uma vez que ela não vê a si mesma como uma pessoa capaz de ter um lugar, de existir por si mesma. Ela existe em função do outro, mas por se acreditar tão especial, pensa que é responsável pelo sucesso dele. Lowen (1975, p. 154) explica que é ilusória a crença de ser a esposa perfeita e, que “acreditar que um homem possa agradecer sua esposa por torná-lo bem sucedido não se fundamenta também na realidade, uma vez que o efeito de uma tal atitude é negar o homem e castrá-lo”.

Para o homem fálico-narcisista esta esposa é útil, pois organiza sua vida, não compete com ele e se submete. Seu senso de eu também é enfraquecido e ostenta uma máscara de poder que sua esposa não desafia. Ele é pouco respeitoso com ela e mantém casos extraconjugais para alimentar sua imagem de conquistador. Geralmente é um profissional bem sucedido e agressivo nos negócios. À mulher não é dada participação nos bens materiais, sendo ele quem cuida dos investimentos e do dinheiro da família. A ela cabe administrar o que ele lhe dá. Ela pode nem saber com exatidão quanto ele ganha e qual é exatamente a situação financeira da família.

A homeostase é mantida quando o homem se firma na posição narcisista e não a reconhece, mas ela continua esperando e fazendo tudo para obter este reconhecimento. É o modelo de casamento de 40 anos atrás, do qual as mulheres de hoje são reativas, uma vez que receberam a influência do casamento de seus pais e não querem repetir o modelo.

Este tipo de relação pode se manter sem estresse enquanto as posições se mantiverem inalteradas, porém, a homeostase é rompida quando no extremo da desvalorização o homem trai a esposa e ela se dá conta que não tem o valor que pensava que ter para ele. A descoberta da infidelidade desestabiliza o funcionamento deste par. A ilusão se desvanece. O casal se separa ou permanece junto pelas aparências, pela família, pela falta de autonomia de ambos.

Mulher com traço de caráter oral e cobertura histórica que se une a um homem traço de caráter núcleo psicótico com cobertura obsessivo-compulsivo:

Ela é envolvente, atenciosa, quer companhia, gosta de conversar, sair, se divertir. Tem muitas amigas, extrovertida, sedutora e animada. Seu outro lado é de insegurança, desorganização, desleixo, rigidez. Chama sexualmente o homem, mas só na aparência e, de acordo com Lowen (1975, p. 158) ilude-se acreditando que é “ela quem ama sem ser amada”. No fundo é ela quem está bloqueada para o amor por ter se sentido rejeitada em seu amor pelo pai. Portanto, escolhe homens difíceis, alguns realmente impossíveis. Um parceiro que encaixa na sua dinâmica é o obsessivo, pois ele com sua organização e rigidez lhe traz segurança.

Ele quer ficar isolado, sozinho com seus interesses, não ser incomodado com queixas no relacionamento. Tem um convívio social mínimo, não gosta de sair, ir a festas, nem visitar pessoas. Mantém seu trabalho e dá conta da vida cotidiana, mas sem grande entusiasmo. Quando entra em ansiedade começa a pensar repetidamente num mesmo assunto, e precisa de rituais para acalmar sua angústia. Fica agressivo se confrontado ou se tem que sair da rotina que ele mesmo criou.

No início da relação ele se encanta com sua vivacidade, encanto, alegria. Ela se encanta com sua inteligência, aparente maturidade e um certo mistério. Depois de um tempo ela o acha fechado demais, rígido com rituais que ela acha sem importância e se sente rejeitada. Ele a acha escorregadia, carente e exagerada nas suas expressões. Ele se afasta mais com medo de ser invadido por sua emotividade e ela se esforça mais por se aproximar.

O drama dele é ter medo do contato e da intimidade e embora veja nela uma oportunidade de conseguir isso seu medo é maior. O drama dela é não

saber que embora queira ser amada, é ela quem está fechada para o amor, tanto por seus sentimentos de perda (da oralidade) como de traição (da histeria).

Com o passar do tempo as lutas de aproximação e fuga aumentam os conflitos e ambos sentem-se decepcionados, frustrados e começa uma espiral negativa onde levantam defesas maiores ao mesmo tempo em que aspectos mais imaturos de suas personalidades afloram. Ela fica mais agressiva e cobradora, ele se envolve mais nos seus rituais ou no silêncio. O impasse está criado. Ninguém se mobiliza. Aferram-se a seus pensamentos sem saída e com isso contribuem para que o outro aumente o comportamento que querem evitar. Desta forma a homeostase se estabelece no conflito, como se cada um estivesse sozinho, sem perceber que o outro o está trazendo para a realidade das suas próprias questões mal resolvidas. A tentativa dela é ensiná-lo a se aproximar e a dele é ensiná-la a ter individualidade.

Mulher com traço de caráter oral que se une a um homem traço de caráter fálico-narcisista:

Ela com suas carência e necessidade de atenção e cuidados inicialmente se sente atraída pela postura decidida, firme e independente dele. Ele para alimentar sua imagem de poderoso encontra nela a pessoa necessitada de ajuda. A paixão é fulminante, ele a conquista com atenções que alimentam as expectativas dela de ser cuidada por ele. Mas, com a diminuição da paixão ela começa a perceber o egoísmo e arrogância dele e passa a reclamar que ele não presta mais atenção nela e se tornar mais carente. Ele fica irritado com as cobranças e reclamações e a desqualifica, trata mal. Termina por traí-la e ela desiludida entra em depressão.

Estabelece-se a homeostase. Com a depressão ela necessita de cuidados e ele não lhe dá ou o faz mecanicamente, afirmando que depressão não existe que é manha dela. Mesmo assim, ela mantém a esperança de que em algum momento ele volte a ser a pessoa do início do relacionamento e que a cuide. Embora ele não compreenda a depressão dela permanece no vínculo, pois ela precisa dele o que reforça sua noção de valor pessoal ao ser necessário para alguém. Nenhum dos dois desiste da relação. A relação torna-se cronicamente disfuncional.

Mulher com traço de caráter oral e cobertura fálico-narcisista que se une a um homem traço de caráter oral:

Ela encobre suas carências com a cobertura fálico-narcisista de mulher cuidadora, poderosa, decidida, arrogante e autoritária. Ele mostra o charme do homem que a procura ansiosamente, que depende dela e de suas opiniões. Ele é alegre e despojado, sem muitas preocupações e gosta de sair com amigos, beber e se divertir. No começo ela o acompanha nas noitadas e se diverte. Depois começa se aborrecer com a frequência das bebedeiras. Passa a reclamar e cobrar dele. Ele começa a fugir dela, mente para ir ao encontro dos amigos e beber a noite toda. Isso aparece no namoro, mas aumenta drasticamente ao se casarem. As brigas se sucedem e se estabelece a homeostase. Ele fugindo dela e perdendo o controle sobre a bebida, ela tentando controlá-lo. O conflito pode evoluir para violência física e verbal.

Em casos menos graves a oralidade dele pode levá-lo a não ter energia para o trabalho e se tornar dependente dela, oscilando entre euforia e depressão. Ela assume os cuidados dele, mas se ressentir porque no fundo tem a necessidade inconsciente de ser cuidada.

A homeostase deste casal se mantém devido ao desenvolvimento de uma dependência química que acaba se tornando o centro da relação. Ele assume o lado dependente e ela a controladora autoritária. Essa equação torna muito difícil obter resultados no tratamento devido às ações de sabotagem de ambos.

Mulher com traço de caráter oral que se une a um homem traço de caráter masoquista:

Um outro aspecto pode aparecer numa união em que o funcionamento dela está focado na oscilação de humor e o dele no sofrimento. No início da relação, segundo descrição de Lowen (1975 p. 157), ela parece “estar cheia de vigor e repleta de energia e sentimentos, que esbanja sem constrangimentos”. Ele sente-se atraído por essa mulher, que além de bonita e disponível demonstra precisar dele.

Neste relacionamento, ela participa com os sonhos, mas também com a insatisfação. Ele com a disponibilidade em fazer cada vez mais por ela e pela relação. Segundo Lowen (1975 p. 158) “Todo indivíduo de caráter masoquista sente-se inferior. Trata-se de uma pessoa humilhada e envergonhada durante

sua infância mas que, no fundo, sente-se superior em relação aos demais”. Portanto, tentar satisfazê-la é uma missão impossível, fadada ao fracasso. O masoquista então embarca nesta missão e garante seu sofrimento.

Quando o balão das ilusões dela esvazia cai em depressão e ele tenta cuidá-la, pois assim sente-se superior. Porém ela reclama de sua infelicidade e nada a satisfaz. Ela pode traí-lo, pois embora ele seja um homem bom e preocupado com ela, não é agressivo e arrojado e ela o vê como perdedor. A traição alimenta nele o sofrimento, mas não se permite divorciar-se.

A homeostase se instala na insatisfação e dependência emocional dela e na manutenção do sofrimento dele. O casal se torna disfuncional. Podem viver muitos anos assim.

Mulher com traço de caráter masoquista que se une a um homem traço de caráter oral:

A questão da dependência química pode aparecer em outro tipo de casal. Ela com o traço de caráter masoquista, na qualidade de sofredora investe anos numa relação com um dependente químico. No início da relação ela é submissa e quer agradá-lo, ele é alegre quando bebe e faz programas divertidos. Ele traz para o romance a busca de prazer, que é desconhecido para ela. Ela é carinhosa e faz as vontades dele.

Quando a crise se instala e o problema das drogas se agrava e eles mantêm a homeostase em várias tentativas fracassadas de tratamento para a dependência química “dele” que aparentemente é o problema. Ele recai, ela sofre. Quando ele está conseguindo se manter em abstinência ela se queixa dele, desqualificando seus esforços. Ele se irrita e recai. A espiral negativa aumenta, cada um alimentando no outro seu lado mais regredido e imaturo.

Mulher com traço de caráter fálico-narcisista que se une a um homem traço de caráter passivo-feminino:

Ela é decidida, arrojada, agressiva. Ele é delicado, tranqüilo. Quando se conhecem se atraem pelas diferenças, ele a admira por sua determinação, e ela por sua leveza. No início a complementação é satisfatória para ambos. Com o decorrer do tempo ela comanda cada vez mais a relação e ele se ressentido veladamente.

O conflito aparece e ficam presos numa luta de poder onde ele faz resistência passiva ao comando dela. Eles mantêm a homeostase com algumas vitórias pequenas ora de um lado ora de outro. Com a manutenção deste conflito ambos começam a regredir emocionalmente a fases mais anteriores do desenvolvimento. Ela se torna mais agressiva, até mesmo sádica humilhando-o cada vez mais e ele torna-se mais infantilizado e enfraquecido.

Mulher com traço de caráter masoquista que se une a um homem traço de caráter fálico-narcisista:

Ela é dedicada e submissa, faz tudo ao seu alcance para agradá-lo. Ele se sente atraído por esta mulher que permite que ele comande a relação e tome as decisões. No início a relação vai bem, gerando satisfação em ambos.

Com o passar do tempo ambos começam a deixar transparecer atitudes imaturas, ele se torna mais arrogante e ela, sob o peso do sofrimento passa a se queixar cada vez mais, o que o irrita, gerando um círculo vicioso destrutivo.

A homeostase pode se manter à custa de sintomas físicos nela, que os agüenta devido a seu suporte ante a dor; ele pode ter casos extraconjugais para alimentar sua imagem. No caso de ela deprimir e deixar de se cuidar e de dar atenções a ele, é possível que ele encontre outra pessoa e se separe. Ela pode demorar muito tempo até dar a volta por cima, pois a separação e o sofrimento real que tal situação provocam podem se arrastar por anos devido ao seu perfil.

Mulher com traço de caráter masoquista que se une a um homem traço de caráter psicopata:

Ele começa sendo sedutor, manipulador para dominar e evitar se ser dominado. Ela se encanta com suas táticas de conquista e ele com a submissão dela. Mais tarde começa a aparecer a realidade onde o sedutor se torna violento para seguir submetendo e a masoquista aceita seu calvário. Ela sempre pensa que ele voltará a ser aquele que era no início da relação, não importa quantas provas em contrário ele possa dar.

Este é um casal que não se separa embora seja um dos mais disfuncionais. O grau de homeostase em que eles se mantêm é dos mais graves, uma vez que depois de episódios de violência, física ou psicológica, ele pede perdão e começa o ciclo tudo de novo. Ela vê de novo aquele homem

terno e sedutor, mas isso dura até o próximo evento. O círculo vicioso gira interminavelmente.

Padrões repetidos

Perder dó! Não adianta dizer não sofra, não chore; só não podemos ficar parados no tempo chorando nossa dor diante das nossas perdas. Lya Luft

Podemos pensar em outros pares formados por pessoas com distintos perfis e as várias possibilidades de relações que se estabelecem, aqui especificados entre pessoas com um grau de imaturidade caracterial, as quais sofrem em seus relacionamentos sem saber por que nem achar solução. Alguns pensam que o divórcio pode ser a saída do sofrimento, porém, se não houver uma mudança pessoal é muito provável que os mesmos problemas se repitam em uma nova relação, trazendo à tona os padrões conhecidos de infelicidade.

Portanto, a psicoterapia com seus recursos é uma forma de resolver estes problemas emocionais e amadurecer o caráter, e assim, pessoas mais amadurecidas podem construir relacionamentos mais saudáveis e enriquecedores.



6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Passamos a amar não quando encontramos uma pessoa perfeita, mas quando aprendemos a ver perfeitamente uma pessoa imperfeita.” San Ken

Analisar um relacionamento pode parecer sedutoramente fácil, afinal com tantas teorias psicológicas que explicam quase tudo sobre o comportamento, a mente e as emoções deveria ser simples olhar e compreender porque duas pessoas sentem atração uma pela outra, se apaixonam e se unem/casam. Seria ainda mais simples entender o porquê das crises nos relacionamentos amorosos. Entretanto, não é, basta olhar um pouco mais atentamente que o emaranhado parece impossível de ser desvendado. Parece que não há saída, parece que o destino é implacável, parece que o amor não existe, parece que as pessoas são doentes, amargas e até mesmo cruéis. A um olhar desavisado o amor pode ser perigoso. Ou impossível. No entanto, todos querem encarar a aventura que é o amor. Não sem alguma garantia, todavia. Garantia que a história de amor tenha um final feliz, sem dores, abandono, traição, mágoas.

E as ilusões do amor? E o desejo? A química? E o amor finalmente? Os devaneios juvenis não chegam nem perto do que significa um relacionamento e menos ainda do amor. Nosso olhar juvenil a respeito do amor tem um quê de romantismo e de sonhos, de viver um amor ideal, distante das histórias tristes tão conhecidas. Ainda não é possível pensar na própria participação com alguma realidade, apenas como um protagonista herói. Nunca o vilão, nem o fraco ou inseguro. O outro então é aquele perfeito, feito à medida para o grande final. Mesmo em tempos modernos, de relações curtas e superficiais não se pode eliminar os sonhos de amor. Estes estão presentes ainda que enfraquecidos ou deturpados. E, percebemos isso quando, mesmo os mais jovens e descompromissados, se emocionam com uma lida história de amor, quando uma emoção percorre todos numa cerimônia de casamento no momento que a noiva surge, linda em seu esplêndido vestido branco, ao som de uma canção de amor e olha à frente seu noivo emocionado e surpreendido com sua beleza quase diáfana. Este olhar trocado entre os noivos toca todos os presentes que se sentem quase intrusos de um instante tão íntimo. Os que já experimentaram pensam que é só uma ilusão. Os que não experimentaram

imaginam a perfeição daquele relacionamento. O que não se fala é que aquele momento é só o início de um aprendizado conjunto onde os dois são parceiros na descoberta não só da realidade da relação, mas também de aspectos pessoais antes desconhecidos. Espelhos um do outro. Testemunhas um do outro.

E o amor? O verdadeiro amor? Este vem antes ou apenas depois, na continuidade da relação? Escolhas, expectativas, necessidades, desejos. E as feridas emocionais? Não poderíamos pular esta parte? Porque estas feridas parecem macular o amor? Não é realista pensar assim. Justamente o grande salto é a descoberta que o amor cura essas feridas emocionais tão profundas. Tão simples a primeira vista. Mas que também não é simples. Porque quando as feridas são tocadas pelo parceiro doem e quando doem surgem as reações de defesa. E aí se olha para o outro, não aquele que feriu, mas aquele que sem saber toca na ferida e machuca. Só que não é este o culpado, mas é ele que é visto como o culpado.

Tocamos de leve na questão de quem é culpado pelas dores, e sempre serão os outros. Os primeiros são sempre os pais. Depois aparecem outros personagens, até que, finalmente no espelho aparece o próprio rosto. E se percebe que não há culpados. Para muitas situações existem responsáveis, sim, pois não é possível esperar que uma criança saiba ou possa satisfazer suas próprias necessidades. Depois quando não se é mais criança começa a responsabilidade por escolhas, por ações e reações e não se pode mais colocar a culpa na família, na vida, no destino.

Então, definitivamente não é possível pensar num relacionamento sem conhecer a si mesmo. Sem reconhecer suas dores. Sem assumir suas próprias necessidades. Sem conhecer suas defesas. Sem encontrar a si mesmo. E, como diz Drummond de Andrade “amar se aprende amando”, encontrar a si mesmo passa necessariamente pela experiência de ligar um destino a outro, e ver nesse espelho a própria imagem, que reflete e causa espanto.

Por isso penso que as relações são perfeitas enquanto imperfeitas, porque na imperfeição das escolhas amorosas encontramos a perfeição de descobrir quem somos. E, quem sabe, assim aprenderemos a amar.

REFERÊNCIAS

- CAPRA, F. **A Teia da Vida**. Cultrix: São Paulo, 1996.
- FISCHER, H. **Porque Amamos**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.
- LOWEN, A. Uma hierarquia em caractereologia. In: **Energy and character**. Vol 5, n 3, 1974.
- LOWEN, A. **O Corpo em Terapia**. São Paulo: Summus, 1977.
- LOWEN, A. **O Corpo Traído**. São Paulo: Summus, 1979.
- LOWEN, A. **Medo da Vida**. São Paulo: Summus, 1980.
- LOWEN, A. **Bioenergética**. São Paulo: Summus, 1982.
- NAVARRO, F. **Caractereologia pós-reichiana**. São Paulo: Summus, 1995.
- NICHOLS, M. P.; R. C. SCHWARTZ. **Terapia Familiar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- REICH, W. **Análise do Caráter**. Publicações Dom Quixote. Lisboa, 1979.
- VOLPI, J. H. **Particularidades sobre o temperamento, a personalidade e o caráter, segundo a psicologia corporal**. Curitiba: Centro Reichiano, 2004. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos.htm. Acesso em: 23/10/2009.
- VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Reich: da psicanálise à análise do caráter**. Curitiba: Centro Reichiano, 2003.
- WILLI, J. **La pareja humana: relación y conflicto**. Madrid. 1985